

Em *Crítica sem juízo*, Luíza Lobo transita por diversos rumos atuais da *Literatura Comparada*, como a revisão dos gêneros literários, a intertextualidade e a proposta de uma literatura da alteridade. Analisa a chamada literatura negra, apontando para o surgimento de uma nova épica na poesia de autoria feminina negra. Debruça-se sobre poetas como Jorge de Lima e Ana Cristina César, mostrando como rompem com os cânones e a tradição épica clássica, praticada num dueto de intensas intertextualidades.

Sousândrade é um dos poetas que serve de eixo para um intenso uso da intertextualidade, assim como Machado de Assis. O humor em

Guimarães Rosa é estudado segundo os estóicos e Deleuze, deslizando na superfície da linguagem. Contrapõe o humor e a ironia que perpassam a literatura brasileira, num variado diálogo com as obras de Virginia Woolf,

Lewis Carroll, Proust, Walt Whitman, Faulkner e Joyce.



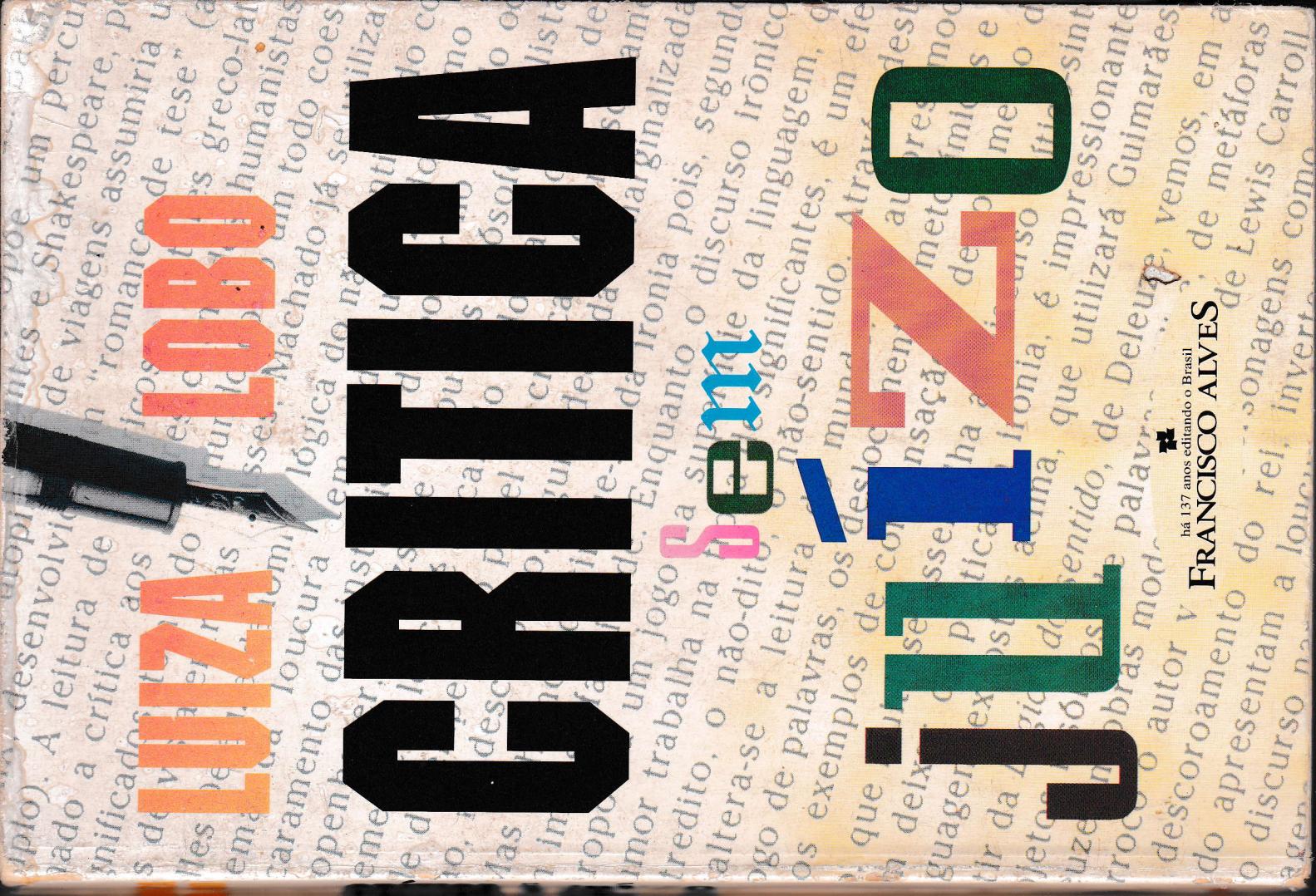
há 137 anos editando o Brasil

FRANCISCO ALVES



há 137 anos editando o Brasil

FRANCISCO ALVES



Copyright © 1993 by Luiz Lobo

Todos os direitos desta edição reservados à
LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.

ISBN: 85-265-0306-5

Capa:

DENNIS HANSON

Editoração Eletrônica:

D.H.C. ARTE & DESIGN

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Lobo, Luiz, 1948 -

Crítica sem juízo / Luiz Leite Bruno Lobo. — Rio de Janeiro : Francis-
co Alves, 1993.

(Ensaio e crítica)

ISBN 85-265-0306-5

1. Literatura — História e crítica. 2. Literatura comparada. I. Título.
II. Série.

CDD - 809
CDU - 82.09

93-0426

1993

LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.

Rua Sete de Setembro, 177 • Centro

20050-002 • Rio de Janeiro • RJ

Tel.: (021) 221-3198

Fax: (021) 242-3438

NOTA DA AUTORA

Os ensaios aqui coligidos são em geral produto de trabalhos escritos para congressos de literatura quer no Brasil quer no exterior, e foram publicados nos respectivos Anais de Congressos ou em revistas especializadas brasileiras ou estrangeiras.

O primeiro ensaio foi o primeiro trabalho publicado, em 1970. Saídos ao longo desses vinte anos de crítica e ensaios literários, os textos passaram, em menor ou maior grau, por uma revisão, fusão ou mesmo alteração, inclusive de títulos, quando conveniente, para que alcançassem uma forma definitiva.

Assim, encontram-se aqui e agora reunidos dentro de uma preocupação temática, tornando-se mais acessíveis, uma vez que se achavam dispersos por publicações nem sempre disponíveis.

SILVEIRA, Oliveira. *Praça da palavra*, poemas. Porto Alegre, Ed. do Autor, 1975.

SODRÉ, Muniz. "O negro e os meios de informação". In: *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, 1973, v. 3, abril de 1979, n. 3, p. 197-202.

SOUSÂNDRADE, J. de. *O Guesa*. Londres, The Moorfields Press, 1884.

_____. *Harpas selvagens*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1857.

SUSSEKIND, Flora. *O negro como arlequim; teatro & discriminação*. Rio de Janeiro, Achiamé; Socii, 1982. (Coleção Textos Paralelos).

TEIXEIRA, Luciano Trigo. *Resenha de História e sexualidade no Brasil*. VAINFAS, Ronaldo (org.). In: "Idéias", *Jornal do Brasil*, 8-11-1986, p. 4.

TUTUCA, Ronald. *O paquiderme com asa de água*. Poesia. Porto Alegre, Ed. do Autor, 1981.

_____. *Mortadlegrense*. Porto Alegre, Ed. do Autor, 1982.

TUTUCA, Ronald; SILVA, Jaime da e MORAES, Paulo Ricardo de. *Negro três vezes negro*. Poesia. s.l., Ed. dos Autores, 1984.

_____. *Homem ao rubro*. Poesia. Porto Alegre, Edição do Grupo Pró-Texto, 1983.

_____. "A veiculação da literatura é tema da Bienal". *Folha de São Paulo*, 10-6-1986.

VENTURA, Adão. *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*. Belo Horizonte, Edições Oficina, 1970.

_____. *As musculaturas do Arco do Triunfo*. Belo Horizonte, Comunicação, 1976.

VIEIRA, Antônio. *Cantares d'África*. *Songs of África*. Ed. bilingüe. s.l., Gráfica Riex, s.d.

_____. *Cantos, encantos e desencantos d'alma*. Salvador, Ed. do Autor, 1975.

_____. *Areia, mar, poesia*. Salvador, Ed. do Autor, 1972.

O NEGRO DE OBJETO A SUJEITO

Como os movimentos negros, a literatura negra precede – e de muitos anos – o 1888. No remoto 1859, publicava-se em São Luís do Maranhão, trazendo na capa o pseudônimo "Uma Maranhense", o romance *Úrsula*. Era um dos primeiros livros do gênero escrito por uma mulher no Brasil e o primeiro a mencionar a causa abolicionista. O nome verdadeiro de sua autora era Maria Firmina dos Reis, mulata bastarda, professora primária e sobrinha, por parte de mãe, do escritor Sotero dos Reis. Como parte das comemorações do centenário da Abolição, essa obra acaba de ser reeditada pela Presença, do Rio, sob minha coordenação. O texto segue o de uma edição fac-similar feita em 1975 por iniciativa do pesquisador maranhense José Nascimento Moraes Filho. O único exemplar conhecido da primeira edição, doado pelo recém-falecido escritor e bibliófilo Horácio de Almeida ao governo do Maranhão, aparentemente sumiu.

Para o prefaciador desta nova edição da *Úrsula*, o norte-americano Charles Martin, raramente um autor do século XIX pôs em pé de igualdade o senhor do escravo, como fez Maria Firmina, ao ligar com laços de amizade o escravo Túlio ao herói branco Tancredo, que o liberta. Outra figura impressionante na narrativa é a velha escrava "Mãe Susana". A descrição da sua captura na África, a separação dos filhos enquanto trabalhava na roça, sem poder se despedir deles, o desespero vivencial no Brasil, que quase a leva à loucura, tudo isso apresenta características de um depoimento verídico de alguém que Maria Firmina efetivamente conheceu em Guimarães, no interior do Maranhão, onde morava, diz Martin.

Em sua construção folhetinesca – semelhante à de *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint-Pierre, escritor que a autora cita –, o romance nada fica a dever a outras obras que no século XIX abordaram o tema no Brasil: *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães,

O tronco do ipê e a peça *O demônio familiar*, de José de Alencar. Com a diferença de que, no tocante ao tratamento das personagens, *Úrsula* é ideologicamente mais inovador. Mas não é a crítica de *Úrsula* nossa intenção aqui. Nosso objetivo é mapear, ainda que em traços largos, os caminhos que a literatura negra percorreu no Brasil desde aquele distante ano de 1859.

Abolição abolida

Até bem pouco, a bibliografia sobre o negro brasileiro se restringia quase exclusivamente à Sociologia e à História. Além do trabalho pioneiro de Roger Bastide, apenas os brasileiros estavam a nossa literatura negra: Raymond Sayers, Gregory Rabassa e, mais recentemente, David Haberly e David Brookshaw. Entre os estudiosos brasileiros, algo foi feito por Sérgio Milliet, no imediato pós-guerra, e em anos mais próximos por Domício Proença Filho e Zilá Bernd. As comemorações de 1988 começaram, no entanto, a engordar essa rala bibliografia. As vésperas do 13 de maio saíram do prelo dois livros específicos sobre o assunto: *Poesia negra no Modernismo brasileiro*, de Benedita Gouveia Damasceno (Campinas, Pontes), e *O negro e o Romantismo brasileiro*, de Heloisa Toller Gomes (São Paulo, Atual). Essas duas obras centram-se, direta ou indiretamente, no problema do abolicionismo, e indagam se algo mudou hoje na perspectiva cultural, ideológica e literária com relação ao século XIX.

Tanto no levantamento sobre o Modernismo realizado por Benedita quanto no do Romantismo levado a cabo por Heloisa, misturam-se autores negros com autores brancos que escreveram a respeito de negros. Contudo, esta última previne que a idéia de mestiçagem, de indistinação de cor no Brasil é "um argumento de cunho racista que foi (e tem sido) bastante utilizado por pretensos amigos do negro: o da homogeneização racial, ou seja, a ideologia do branqueamento".

O principal aspecto que definiria uma significativa mudança entre os estudos sobre o negro realizados no passado e os que apareceram nesta década pode ser descrito assim: o negro deixa de ser objeto para passar a sujeito da literatura e da sua própria história; deixa de ser tema (inclusive como estereótipo) para ser autor de uma visão de mundo própria. Assim, poderíamos definir literatura negra no Brasil (ou afro-brasileira) como a produção literária de descendentes de africanos que se assumem ideologica-

mente, como tal. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja quanto tema (folclore, exotismo, regionalismo), seja enquanto estereótipo (as mulatas lascivas, como a Gabriela de Jorge Amado, e por extensão as de Di Cavalcanti, a mãe preta servil, como a tia Anastácia, de Monteiro Lobato). O expurgo dos estereótipos vem sendo paulatinamente realizado nos sucessivos encontros de militantes negros, não com um sentido purista e moralista, mas visando à conscientização da sociedade quanto a esses estereótipos.

Dos primeiros poemas de negros – ou sobre eles – à atual postura de repúdio às comemorações do centenário da Abolição, o que mudou? Poderíamos inscrever a história da literatura negra no Brasil em dois momentos: 1) o tempo da utopia – abolicionismo, 2) a Abolição como realidade, vista pela militância política – o mito de Zumbi dos Palmares.

Segundo Josué Montello (artigo publicado no *Jornal do Brasil*, em 11.11.1975), o primeiro autor a mencionar o negro como personagem foi Trajano Galvão, nos poemas "A Crioula" (1853) e "O Calhambola" (1854), este bem mais crítico do que o primeiro, mas ambos publicados só em 1898 no livro *Sertanejas*. No entanto, foi sem dúvida em o "Bodarradas" – forma com que se popularizou o poema "Quem sou eu?", de Luís Gama, publicado em *Primeiras trovas burlescas de Getúlio* (1859) – que pela primeira vez um autor negro assumiu explicitamente a sua identidade racial. Usando o mesmo processo empregado pelo poeta barroco Gregório de Matos, ele acentou os aspectos negativos e os estereótipos do negro, numa experiência de choque: "Se negro sou, ou sou bode, / pouco importa. O que isto pode? Bodes há de toda casta, / pois que a espécie é muito vasta... / Há cinzentos, há rajados..."

Como tema, o negro já estava presente nas modinhas setecentistas do compositor Caldas Barbosa, no poema "A Escrava" de Gonçalves Dias, e na prosa de Machado de Assis, embora sem grande identificação entre o sujeito da criação e o personagem empregado como tema. Nos dois primeiros casos acentua-se a vertente rítmica e musical da oralidade, tão importante na criação poética das três Américas, não só no jazz, no samba ou na música pop, mas também nos poemas escritos em forma *erudita*. Encerra-se com a Abolição – que pouco mudou a situação social do negro – a primeira fase, a da utopia. O que chamamos de segunda fase começa com a reconstrução do mito, não mais com base na Abolição e sim no quilombismo.

Ao buscar a identidade nacional no esforço para romper com o passado europeu e na experimentação de novos tipos literários (em especial o índio), nenhum movimento multiplicou tanto os estereótipos quanto o Modernismo. Enquanto romântico e realistas – como Gonçalves Dias e Machado de Assis – assumiam parçimoniosamente a sua cor na representação literária (com o álbi de estarem excessivamente próximos da escravidão e portanto sujeitos ao trapézio do poder social exercido pela figura do Imperador), os autores modernistas, do alto da sua liberdade moral e política, contaram com poucos expoentes, negros ou brancos, que pusessem o negro na sua verdadeira perspectiva histórica.

Às vésperas dos desdobramentos mais expressivos da Semana de 1922, foi Lima Barreto (morto em novembro daquele ano) o único representante do século XX a ombrear, em termos de coragem, com Luís Gama e Cruz e Sousa, abolicionistas do século anterior.

Mais preocupado com a mitificação do índio como contraponto à figura do colonizador europeu (continuando a tradição romântica, agora mais crítica), Mario de Andrade abre *Macunaíma* (1928) com a lenda do pé de Sumé. Maanape, irmão do "herói sem nenhum caráter", torna-se negro por ser o último a se banhar na água da pegada de Sumé; outras palavras, o negro é produto de água suja. Em *Martim Cerere*, também de 1928, Cassiano Ricardo representa o desbravador paulista na ótica do branco, e destrata a figura do negro na História do Brasil, ao fazer com que aquele beba sob a forma de um cafezinho preto – como bem mostrou Luiz Costa Lima em *As projeções do ideológico*. Jorge de Lima envereda no estereótipo da mulata lasciva com o poema "Nega Fulô" – o que, para Benedita Damasceno, pelo menos tem mérito de divulgar os aspectos estéticos do negro, a cor da pele, a brejeirice, além dos ritos da macumba. Tornava pública, assim, a "negritude" – na expressão criada por Léopold Senghor e outros africanos e antilhanos exilados em Paris entre 1937 e 1948, em "negridão", conforme propôs Sérgio Milliet visando a abraçar o termo. Enquanto a ensaísta Benedita Damasceno afirma que na poesia negra no Brasil "o menos importante é a cor do autor", o que parece negar todo o esforço do seu próprio livro. Jean-Paul Sartre, em clássico artigo de 1948, afirmava que o negro não podia se esconder, como o judeu, no meio da multidão. Ou, nas palavras do poeta mineiro Adão Venetura, não pode arrancar do corpo a "cor da própria pele". Assim, o

grande esforço de Abdias do Nascimento, ao fundar em 1944 o Teatro Experimental do Negro, era encontrar obras dramáticas deste tipo de autor (ele mesmo compôs *Sortilégio*); não as encontrando, viu-se obrigado a montar O'Neill.

O grande problema da produção negra no Modernismo – e isso se torna explícito através da leitura do livro de Benedita Damasceno – e que em grande parte ela dificilmente poderia ser classificada como modernista, no sentido de inovação de linguagem da relação com o europeu e da proposta de uma cultura autôctone. Claro que não podemos exigir da História o que ela não poderia ter sido. Mas o fato é que autores vindos depois do Abolicionismo, no século XX – Lino Guedes (SP) na década de 1920, o poeta Solando Trindade (RJ) na década de 1960, o operário Bélsiva (SP) década de 1970 – repetiram em seu estilo recursos em grande parte já empregados na oratória parnasiana e na tradição simbolista de Cruz e Sousa e romântica de Castro Alves.

Até mesmo o paulista Oswaldo de Camargo, com seu pioneiro livro de contos autobiográficos *O carro do êxito* (1972), mantém estreita filiação ao tom decadentista do século XIX, eivado de lástima, autoflagelação e martirização do negro enquanto oprimido. Nos seus poemas, como os de *Um homem tenta ser anjo*, este tom se acentua e, como no caso de Eduardo de Oliveira (SP) e a maior parte da produção posterior ao Modernismo, afasta-se, contraditoriamente, cada vez mais, da "ruína alegórica" buscada pelo movimento.

Os estilos da época e as classificações da História da Literatura negra do Brasil não necessitam, evidentemente, obedecer aos mesmos cânones empregados na literatura existente, mas até o momento não houve tentativa de substituí-los por outros – o que poderia ser feito em novos estudos.

Abolição x Palmares

O que se disse com relação ao Modernismo não se aplica, entretanto, ao período que corresponde ao atual conceito de Pós-Modernismo. A década de 1970 constituiu um marco renovador na visão ideológica que o negro nutria sobre sua própria representação social. No Rio, o grupo de Negrícia, sob a liderança do poeta Éle Semog, se constituiu em 1979 e até 1984 foi um dos mais ativos no panorama cultural da cidade; no Rio Grande do Sul, o grupo Palmares, liderado pelo poeta regionalista Oliveira Silveira, estabeleceu-se em 1978 e persistiu por dois anos. Em São Paulo, foi criado

por sete autores negros, em 1978, talvez o grupo mais radical, que permanece ativo até hoje: O Quilombohoje. A partir de sua discussões, eles selecionam, editam, financiam e vendem os *Cadernos Negros*, antologias anuais de poesia e prosa. Resultado deste crescente movimento autônomo e urbano foi a criação, ano passado, de no bairro do Bixiga, em São Paulo, antigo reduto de escravos, de uma livraria dirigida por negros e inteiramente voltada para a sua produção: a Eboh.

Os integrantes destes grupos militantes iniciam uma nova literatura negra contemporânea. Mas, como adverte o poeta Arnaldo Xavier, eles enfatizam que não se isolaram num gueto, pois o gueto se forma pela pressão exterior de um grupo social mais forte. Eles se auto-separam para poder pensar a sua própria expressão, longe do mito da "democracia racial" das aparências, onde tudo se mistura num *Leite crioulo*, título, alias, de um jornal modernista mineiro de ambígua ideologia.

Os resultados concretos desse movimento são visíveis: seguidos encontros de literatura negra produziram diversos livros de ensaios, como *Perfil de literatura negra*, *Nu elefante branco*, *Reflexões*, *Corpo de negro*, *Rabo de brasileiro*, entre outros. Paralelamente, duas antologias de literatura negra foram organizadas por poetas de São Paulo: *Axé*, que obteve o prêmio da Associação de Críticos de São Paulo, editada por Paulo Colina em 1982, e *A razão de chama*, a cargo de Oswaldo de Camargo e outros, em 1986. Deste último, também no ano passado surgiu *O negro escrito*.

Os poemas produzidos após a década de 1970 expressam a rebelião dos militantes negros contra a data da Abolição. Assim a vê, por exemplo Oliveira Silveira, do Rio Grande do Sul: "Treze de maio traição liberdade sem asas/ e fome sem pão. Liberdade de asas quebradas - como/ este verso" (em *A razão de chama*). É interessante contrastar esta visão crítica de poesia escrita quanto à idéia de liberdade com os versos da poesia de samba-enredo, folclórica e oral de Nei Lopes: "Abre as asas sobre nós/ Oh! senhora Liberdade" - que pressupõem a existência da liberdade negada por Silveira. No mesmo sentido crítico, Jamu Minka (SP), em "Zumbabwê", amplia a imagem de "Zimba/ Zumbi/ Zumbabwê" aplicada inicialmente a Palmares, para a Rodésia e em seguida para toda a África. E no conto homônimo de *Cauterizai o meu umbigo* (1986), Eustáquio José Rodrigues vê causticamente estacelar-se o batismo místico que o personagem vivera no Zaire quando, retornando ao Brasil, e mais especificamente à favela do Pavãozinho, o perseguidor Zacharia, que lá era impulsionado à vigância por motivo

ritualístico, aqui ressurgia sob a forma de um bêbado de olhos vermelhos e inchados, sentado na mesa de um bar da favela, em meio à fome e ao desemprego.

Arnaldo Xavier, em *A Rosa da recusa* (1986), retrabalha as montagens de Mallarmé e dos concretistas com vocábulos iorubas. Éle Seomg e seu parceiro de poesia, José Limeira, buscam a via do humor urbano, cheio de ritmo e gíngua carioca; Muniz Sodré, no ensaio, e João Ubaldo Ribeiro, no romance *Viva o povo brasileiro*, procuram uma definição de africanidade ligada a um conceito próprio de Brasil, autônomo, ante uma noção generalista de identidade absoluta com a África. Mas, de um modo geral, a mais recente poesia negra tem se centrado na busca de mitos - principalmente o de Zumbi -, na crítica às instituições de ensino - geralmente preconceituosas - e na relação do negro com a sociedade (ver os contos de Cuti - Luís Silva - nos *Cadernos Negros*). O traço típico, aí, como observa a professora Selma da Silva, que trabalhou na Gui na Inglesa, é o didatismo.

Por outro lado, as autoras, não tendo tradição literária forte nem mitos históricos de onde partir - sendo um dos poucos, talvez, o da escrava liberta Luísa Mahin, mãe do poeta Luís Gama e líder da revolução dos malês, na Bahia, a 25 de janeiro de 1835 (ver poema "Luísa Mahin" de Miriam Alves, *CN* 9, 1986) -, desenvolvem uma poética mais livre que a dos homens e recriam o tema da Abolição sob a ótica feminina. Em "Chibata" (*CN* 1), por exemplo, Celi-nha acentua a relação senhor-corpo da escrava. Autores paulistas, como Miriam Alves, Marise Tietra e Roseli Nascimento, inovam na temática da poesia ao falar do erotismo feminino e apontar - através da afirmação de uma nova sexualidade/sensualidade, inserida na realidade cotidiana de um grande centro cosmopolita - para uma Estética Negra. São Paulo, onde todos os caminhos se cruzam, é o local ideal para isso. É na ruína do passado épico que se insinuam os melhores sinais da literatura negra contemporânea, que, se não propõe uma estética totalmente nova, ao menos se problematiza ao expressar a identidade de autores que aparecem como novidade num tempo histórico, memorialístico da história literária brasileira contemporânea.*

* Publicado in "Idéias", *Jornal do Brasil*, Suplemento de Livros, n. 85, Ano 98, n. 36, 12 de maio 1988, p. 6-7.